

ENTRE-LINHAS: O USO DA RETÓRICA NA DIPLOMACIA AMARNIANA

Priscila Scoville¹

RESUMO

A dinâmica entre diferentes reinos e cidades moldou o Antigo Oriente Próximo, possibilitando a criação de uma rede de contatos que interligava toda a região. Sociedades geograficamente distantes puderam manter relações, que, por sua vez, foram evoluindo e ficando cada vez mais complexas até se tornarem um sistema diplomático. Enquanto tal, regras e costumes foram acordados. Manter uma postura diplomática, porém, requer certo esforço, sendo uma delicada e complexa troca de ameaças e gentilezas. Neste trabalho, busco apresentar os artifícios retóricos utilizados pelo rei Tushratta, de Mitani, em suas correspondências com os faraós Amenhotep III e Akhenaton, do Egito. Para tanto, parto da ideia de que a diplomacia é frágil: precisa de constante manutenção e a prática nem sempre concorda com os tratados estabelecidos. Este tipo de análise nos ajuda a pensar questões psicológicas e interpessoais presentes em argumentos retóricos no discurso de Tushratta. Neste sentido, as Cartas de Amarna (EA17, 19-29) são as fontes ideais para a pesquisa. Escritas a mando de Tushratta e endereçadas aos faraós, as mensagens estão carregadas de arcabouços retóricos, como pretendo apresentar no presente estudo. Com isso, poderemos tentar entender quais são as motivações, os anseios e as preocupações que este rei possuía em relação, não apenas ao Egito, mas, também, aos outros territórios a sua volta.

Palavras-chave: Egito; Mitani; Diplomacia; Antigo Oriente Próximo

ABSTRACT

The dynamics between different kingdoms and cities has shaped the Ancient Near East (ANE), enabling the creation of a network across the area. Geographically distant societies maintained relationships which were evolving and getting more complex, until becoming a diplomatic system. As such, rules and customs were agreed upon by kings. However, keeping a diplomatic posture demands efforts, as it is a delicate and complex exchange of threats and courtesies. In this paper, I aim to present the rhetorical devices

¹ Doutoranda em História na UFRGS, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Katia M. P. Pozzer. Representante do ASE – Association for Students of Egyptology. Membro do LEAO. E-mail: pcnlscoville@gmail.com

used by Tushratta, king of Mitanni, in letters sent to Amenhotep III and Akhenaten, both Egyptian Pharaohs. I believe diplomacy to be fragile: it needs constant maintenance, and its practice does not always correspond to previous agreements. An analysis that considers these aspects may help us to reflect on psychological and interpersonal issues the rhetorical arguments of Tushratta present. The Amarna Letters (EA17, 19-29) are ideal sources for this approach. Written by Tushratta and sent to the Pharaohs, the Letters are filled with rhetorical devices, as I intend to demonstrate with this research. Through this study, it may be possible to understand Tushratta's motivations, yearnings and worries not only concerning Egypt, but also Mitanni and the surrounding areas.

Keywords: Egypt; Mitanni; Diplomacy; Ancient Near East.

Submetido em: 05/08

Aceito em: 30/08

O Antigo Oriente Próximo foi palco para o desenvolvimento de diversas técnicas que auxiliaram na formatação de grupos humanos, como a construção das primeiras cidades e a invenção da escrita. Mas isso não é tudo, a manutenção e interação de sociedades distintas também bebeu muito de noções trazidas pelos habitantes da região do Crescente Fértil. Diferentes grupos coexistiram, às vezes pacificamente e outras em confrontos diretos, por toda a região próximo-oriental. Um fator, porém, conseguiu abranger toda a área de forma a possibilitar essa coexistência, mantendo certa paz entre os variados grupos da região: a diplomacia.

É pensando na diplomacia, então, que este trabalho busca entender como um sistema regrado de relações interterritoriais funcionava para reinos e cidades compostos por grupos étnicos tão diversos, com noções e interpretações de mundo muitas vezes conflitantes. Para tanto, penso no caso específico das relações entre o Egito e Mitani, a partir das Cartas de Amarna. O presente estudo analisa as cartas EA17,19-29, focando-se nas EA26-29, todas escritas por Tushratta, rei de Mitani, e endereçadas para os egípcios Amenhotep III (EA17,19-25), Tiye (EA26) e Akhenaton (EA27-29). A razão para atentar-me às cartas enviadas para Tiye e Akhenaton é porque estas fazem referências aos contatos anteriores e, nesse sentido, podemos encontrar alguns arcabouços argumentativos utilizados por Tushratta.

Pensando nestes aspectos, o trabalho se estrutura em três partes. Inicialmente, viso apresentar os agentes envolvidos, em especial o reino de Mitani, visto que este é pouco conhecido por nós. Em um segundo momento, trago as especificidades do conjunto de fontes utilizado, as Cartas de Amarna, e a maneira de estruturação do sistema diplomático da antiguidade próximo-oriental. Por fim, analiso o conteúdo das correspondências selecionadas, buscando as entrelinhas do texto e apontando para a retórica e formas de discurso empregadas nesta relação Mitani-Egito.

OS AGENTES

Tushratta foi rei de Mitani entre c. 1352-1335 AEC (FREU, 2003: 70), e assumiu o governo do território quando este estava em bons termos com o Egito. Destarte, a relação entre esses reinos nem sempre foi boa e apenas recentemente alianças haviam sido formadas. Estes reinos tiveram seus primeiros contatos durante um período de expansão territorial – que aconteceu simultaneamente para ambos.

Quando o Egito entrou na época que chamamos de Reino Novo (c. 1539–1077 AEC²), iniciou-se uma série de campanhas militares e expansionistas, sendo Tothmés III (c. 1479–1425 AEC) o nome de referências dessas conquistas. Tothmés III foi responsável por dezessete expedições militares, tanto ao sul quanto ao norte do Egito, e conquistou diversos territórios importantes no Levante e em Kush. Um de seus feitos mais famosos é a batalha de Megido, que é considerada crucial para o estabelecimento do Egito como um Império, já que garantiu o controle das rotas comerciais ao leste (Trans-Jordão) e ao norte (Kadesh) da Síria-Palestina (SPALINGER, 2005: 83-84). Tothmés III, ainda, empreendeu campanhas até Carchemish (ver fig. 1), onde encontrou resistência de outras forças que também se expandiam pela área do norte da Síria (DODSON, 2009: 6-7), entre as quais estava Mitani.



Fig. 1. Mapa da região do Levante
Fonte: BRYCE, 2014: 130.

² Todas as datas referentes a episódios ou nome de egípcios estão de acordo com o recente estudo de cronologia, organizado por Hornung, Krauss e Warburton (2006).

As investidas militares de Tothmés III criaram embates com Mitani, fazendo com que egípcios e mitânios fossem inimigos durante algum tempo. Infelizmente, devido à escassez de fontes, não conhecemos a história de Mitani muito detalhadamente para podermos expandir a discussão acerca do desenvolvimento mitânio.

Existem debates sobre o período de formação do reino, tendo duas hipóteses de datas de origem: o final do século XVII AEC ou início do século XVI AEC³. Minha posição pessoal sobre a fundação do reino está de acordo com o proposto por Martino (2014: 64-66): Mitani se formou enquanto reino no início do século XVI AEC, sendo os períodos anteriores expressões de grupos hurritas ainda não unificados de forma unitária. Isso se sustenta pela ausência do topônimo “Mitani” nas fontes anteriores, pela presença de diferentes títulos designando reis hurritas e pelo auxílio prestado por Tikunani (rei hurrita) aos hititas que enfrentavam resistência de outras tropas hurritas (MARTINO, 2014: 64-66). Convém apontar que a população de Mitani era etnicamente hurrita e por isso esse destaque é importante⁴.

O que nos interessa nesse momento, entretanto, é que em meados do século XV AEC, Mitani já era um reino poderoso, tendo se consolidado como uma das potências da antiguidade, fazendo parte do que a historiografia chama de “Clube dos Grandes Poderes”, sobre o qual comentarei mais adiante. Enquanto Mitani se expandia pelo norte da Mesopotâmia e da Síria, o Egito estendia-se pelo sul, até o momento em que os reinos se encontraram. Os governantes do Egito e de Mitani entraram em um acordo após alguns períodos de embates diretos, formando uma aliança por meio de um casamento diplomático.

Infelizmente, as fontes sobre esses arranjos matrimoniais não nos são acessíveis atualmente (talvez elas possam ser encontradas no futuro, talvez tenham sido destruídas ou até mesmo sequer foram confeccionadas). Contudo, possuímos algumas noções sobre como essas relações de amizade se formaram a partir de documentos posteriores que mencionam as negociações. Não podemos atestar se elas ocorreram tal como descritas, visto que são bastante unilaterais, mas podemos ter algumas impressões. Um documento

³ Uma exposição mais detalhada desses debates e das dificuldades de se estudar Mitani pode ser vista em Scoville (2017a).

⁴ Um debate ainda em aberto, porém, diz respeito a origem étnica da aristocracia de Mitani. Há uma tendência em acreditar que grupos indo-arianos, falantes de uma língua parecida com o sânscrito, teriam se assentado no norte da Mesopotâmia em meados do século XVII AEC, e os governantes de Mitani teriam descendido dessas pessoas (PODANY, 2010: 154; FREU, 2003: 16-17). Contudo, não é possível afirmar com precisão qual é o grau de relação dos reis mitânios com grupos indo-arianos. Mais informações sobre isso podem ser vistas em Scoville (2017a).

que trata dessa questão é a carta EA29, enviada por Tushratta para Akhenaton, na qual o rei mitânio retoma as interações anteriores. Ele diz:

Quando [Min-kheperu-Re’], o pai de [Ni]mmureya, escreveu para Artatama, meu avô, e requisitou a filha de [meu] a[vô], ele escreveu cinco vezes ou seis vezes, mas ele não a deu. Apenas quando [ele escre]veu [para meu avô] a sétima vez, então sob tal pressão ele a deu. Quando Nimmureya, seu pai, [escreveu] para Shut[arna], me[u] pai, e requisitou a filha de meu pai, minha própria irmã, três vezes ou quatro vezes ele escre[veu], mas [ele não deu] ela. Apenas quando ele escreveu a quinta vez ou sexta vez, então sob tal pressão, ele [a] d[e]u. Qua[ndo] Nimmureya, [seu pai], escreveu para mim e requisitou minha filha, então eu [não] disse “Não”. Na [mesma] primeira v[ez], eu disse [para] seu emissário, “eu certamente a darei”. Quanto ao emissário, na segunda vez [que] ele veio, ele derramou óleo [sobre] [a cabe]ça dela e eles trouxeram o preço da noiva dela, e então eu de[i] ela. [E o] preço [da no]jiva de Nimmure[ya], seu [pai], que ele [trou]xe era sem limite; isso ultrapassou céu e terra. Eu não [disse], “eu [nã]o vou a dar”. Eu enviei com toda a devida velocidade Haanash[i], o [emissário] de m[eu] irmão, [p]ara Nimmureya. [E e]m três mese[s co]m grande pressa [ele envi]jou[-o de volta] e ele enviou quatro sa[cos] cheios de [ou]ro, [sem inclu]ir as joias [que seu] pai en[viou] separadamente. [E aquela] mesma vez quando eu dei minha [fil]ha e [eu] a enviei, e Nimmureya, seu pai, a viu, ele re[goz]ijou. Havia alguma coisa {para} ele [nã]o regozijar sobre? Ele regozijou mui[to], muito! E meu irmão disse, “Com todo s[eu] coração, [Tushratta, meu irmão, de]u ela”, e ele fez aquele dia uma celebração para sua terra, em honra ao meu emissário. (EA29, linhas 16-30. *In*: SCOVILLE, 2017b: 204-205).

Para entendermos esses relacionamentos é necessário atentarmo-nos para o fato de que os nomes de reis egípcios parecem estranhos, isso porque correspondem a uma adaptação do cuneiforme para os nomes de trono, que não são os comumente utilizados por nós. Assim, Minkheperure, é Tothmés IV, cujo nome de trono é Menkheprure; Nimmureya é Amenhotep III (Nebmaatre); e Naphureya, que não aparece no trecho citado, é Akhenaton (Neferkheprure).

Com isso em mente, podemos perceber que existem contratos de casamento de princesas mitânicas com reis egípcios desde, pelo menos, Tothmés IV (c. 1400–1390 AEC) e que eles continuaram sendo feitos durante os anos de reinado de Tushratta, visando garantir a harmonia entre os reinos. Não podemos ter certeza, porém, se eles aconteceram do modo descrito e se houveram negociações ainda anteriores a essas.

O SISTEMA DE AMARNA

Quando os primeiros tabletes de Amarna foram encontrados em 1887, eles trouxeram à luz um complexo sistema de conexões através do Antigo Oriente Próximo. Essa documentação foi descoberta no “local das cartas do faraó”, no palácio real da cidade

de Tell el-Amarna (antiga Akhetaton), no Egito. Atualmente conhecemos 382 tabletes, dos quais 350 são cartas ou inventários anexos a elas. Os 32 demais são tabletes de treinamentos escolares, por isso não receberam tanta atenção e muitos se perderam ou foram destruídos durante o século XX (RAINEY, 2015, v.1: 1).

Entre as 350 correspondências temos 44 cartas reais, trocadas entre reinos independentes; e outras 306 cartas administrativas, enviadas por territórios subjugados ao poder egípcio. Esses dois tipos de documentação demonstram alguns parâmetros estabelecidos por esse sistema diplomático amarniano e nos ajudam a entender a dinâmica social dessas relações. Como esse estudo se foca nos reinos independentes, não entrarei em muitos detalhes nos padrões das cartas administrativas, mas apresentarei questões que permeiam o sistema de uma forma geral e específica das cartas reais.



Fig. 2. Carta EA21 (frente)
Foto da autora, com a permissão do British Museum

Em primeiro lugar, temos a tipologia das cartas, que podem ser de injunção (possuem um ou mais pedidos), de envio (reportam itens que estão sendo enviados) ou combinadas (com pedidos e itens enviados). A maioria dessas cartas tem caráter combinado, sendo assim em todas as cartas de Tushratta (EA17-29). Tal predominância nos aponta a reciprocidade e irmandade que o sistema previa para os Grandes Poderes.

Estes poderes são quase todos os reinos independentes, com exceção de Arzawa e Alashya, por estes não possuírem uma zona de influência hegemônica externa aos seus territórios. Ao falarmos de Grandes Poderes ou Grandes Reinos, então, referimo-nos a Assíria, Babilônia, Egito, Hatti e Mitani.

O Sistema previa uma paridade dessas cinco potências e não poderia haver supremacia entre elas, sendo colocadas como irmãs em um sistema de Casas. Isso significa que não poderia haver uma hierarquia entre os Grande Reinos e o controle da diplomacia cabia a uma jurisdição divina: os deuses puniriam individual ou coletivamente, os reis ou reinos que não respeitassem as regras. De forma breve, é possível dizer que as Cartas de Amarna e outras documentações diplomáticas anteriores (como cartas de Ebla e Mari) nos revelam que esses contatos se desenvolveram de forma orgânica, mas bem estruturada, com princípios multipolares (as ações não deveriam servir a um território específico, mas responder ao bem comum) e policulturais (garantindo que nenhum povo ou cultura se sobressaia ou tente se impor aos outros).

As correspondências eram frequentes, abordavam assuntos diversos e são uma forma de manifestação da cultura cuneiforme, provincial e heterogênea, difundida no século XIV AEC (COHEN; WESTBROOK, 2000: 6), na qual os reinos se comunicavam em uma língua comum, o acadiano⁵, acerca de seus interesses e para resolver suas diferenças. Além disso, a estruturação das cartas é bem definida, começando com um padrão de endereçamento pouco variável: *a-na* (diga para), *um-ma* (assim disse). Esse padrão reflete a importância da oralidade dos contratos, sendo a escrita apenas um meio para se levar as mensagens e não sua formalização. A título de ilustração, as primeiras linhas da EA21, por exemplo, apresentam essa padronização:

“a-na Ni-im-’mu’-re-ia LUGAL GAL šàr KUR Mi-iš-ri-i ŠEŠ-ia ḥa-ta-ni-ia ša a-ra-am-mu-uš ù ša i-ra-’a-a-ma-an-ni qí-bí-ma um-ma Tù-uš-rat-ta LUGAL GAL šàr KUR Mi-ta-an-ni ŠEŠ-ka e-mu-ka ù ša i-ra-’a-a-mu-ka-ma” (EA21, linhas 1-7. In: RAINEY, 2015: 156).

⁵ Existem algumas (poucas) exceções e a presença de dialetos influenciando na escrita. As exceções são as cartas EA 15 (assírio), EA24. (hurrita) e EA 31-32 (hitita). Contudo, muitas outras apresentam variações por dialetos. A tradição nortenha do cuneiforme, mais difundida, é geralmente chamada de Hurro-Acadiana, que indica a presença hurrita dominante. Esse tipo de escrita é encontrado nas cartas da Assíria (EA16), de Mitani (EA17, 19-23,25-30), de Hatti (EA41-44), de Ugarit (EA45-49), de Nuhashshe (EA51), de Qatna (EA52-55) e de Amurru (EAA156-161).

“Diga para Nimmure‘a, o grande rei, o rei da terra do Egito, meu irmão, meu genro, quem eu amo e que me ama; assim (disse) Tushratta, o grande rei, o rei da terra de Mitani, seu irmão, seu sogro e alguém que te ama” (EA21, linhas 1-7. In: SCOVILLE, 2017b:180).

Deste trecho ressalto três pontos. Em primeiro lugar, notamos a utilização de “Grande Rei” para designar os dois governantes, mostrando que pertencem ao “Clube dos Grande Poderes”. Em segundo lugar, ainda nessa relação, há o uso de “meu irmão” e “seu irmão”, apontando o caráter de irmandade e igualdade entre eles, tal como o sistema previa. O terceiro aspecto que eu gostaria de ressaltar é a declaração de amor. É comum encontrar expressões de amor nessas cartas, e segundo Gestoso (2003: 81-83) esse tipo de referência pode ser entendido de três formas distintas: associada a lealdade (usada pelos subordinados do rei egípcio), a irmandade (reafirma a amizade entre Grande Reis), e, por fim, é uma analogia para os presentes trocados. Deste modo, o termo “amor” representa tanto um padrão de trocas, como possui um sentido sócio-político.

AS CARTAS DE TUSHRATTA

A correspondência enviada por Tushratta ao Egito está repleta de arcaísmos retóricos que nos revelam a natureza dessas relações. Na carta EA29, no trecho citado anteriormente, Tushratta afirma que Tothmés IV havia mandado sete cartas para o então rei de Mitani, Artatama, antes que esse aceitasse sua proposta de casamento diplomático para firmar uma aliança entre os reinos. Em seguida, Amenhotep III teria precisado escrever para Shutatarna, cinco ou seis vezes para arranjar outro casamento diplomático com Mitani. Tushratta, porém, teria entregue sua filha já na primeira vez que lhe foi requisitada. O uso da retórica por Tushratta nesta carta é bastante claro: ele recapitula os momentos passados e engrandece sua postura para mostrar sua eficiência e amizade com o Egito. Apontar que o Egito precisou empenhar-se para conseguir firmar e reafirmar a aliança, manifesta que o rei de Mitani não só era poderoso, mas estaria em uma posição de se negar e negociar com outros reinos caso um acordo não lhe parecesse vantajoso e, portanto, estaria hierarquicamente acima daquele que foi negado. É certo, por outro lado, que Tushratta pretendia mostrar que era vantajoso para o Egito confirmar essa aliança e que ele era um rei disposto a negociar e mais acessível que seus anteriores, mas, não era menos poderoso.

A finalidade da correspondência é convencer, não relatar eventos tal qual eles ocorreram. Assim, não é uma surpresa encontrar pontos divergentes ou omissões sobre o

que foi narrado. Nesse sentido, é bastante apropriado que se fale sobre o esforço dos reis egípcios em manter a boa convivência com Mitani. Tushratta tenta convencer Akhenaton a agir de acordo com o desejado por ele. Por isso usa de diversos artifícios de persuasão.

A autovalorização de Tushratta ainda pode ser percebida em outras cartas e de outras formas. Aliado a eficiência e afirmação de amizade, temos questões da antropologia que nos ajudam a pensar o engrandecimento do rei mitânio por meio da economia. Muito próximo à noção de reciprocidade prevista no sistema, temos a economia de oferta, que possui um papel mais psicológico do que comercial. O termo vem da antropologia e entende que o envio de presentes é uma forma de afirmação social (RUS, 2010: 15-16).

Tushratta frequentemente reclama das atitudes de Akhenaton, principalmente em relação aos presentes (em especial, duas estatuas banhadas a ouro que o rei alega que deveriam ser de ouro maciço); mas, ainda assim, Tushratta envia diversos presentes ao Egito. De acordo com a antropologia, o ato de enviar mais ou melhores presentes seria uma forma de mostrar superioridade. Assim, mesmo que a quantidade e qualidade dos presentes enviados pelo Egito não fossem ruins, demonstrar descontentamento é uma forma de apontar que Mitani era um reino superior, já que os materiais enviados por Tushratta eram melhores. Além disso, cria-se uma ideia de dívida, pois os reis egípcios deveriam compensar essa diferença para manter a igualdade que o sistema pretendia.

Nesse caso, não podemos falar sobre a posição do Egito sobre este tipo de discurso, uma vez que não possuímos as cartas enviadas pelos faraós. Mas fica claro que Mitani enxergava-se acima da hierarquia.

Um posicionamento egípcio que podemos mencionar está em relação aos casamentos. Sabemos que os casamentos diplomáticos eram uma prática comum nesse contexto. Os Grande Reis trocavam princesas entre si para criar um laço de parentesco, contudo, o Egito recusava-se a enviar uma de suas mulheres, como podemos atestar em cartas escritas pelo rei babilônico, Kadashman-Enlil⁶. O faraó responde ao rei babilônico que não é uma tradição egípcia e que não enviará princesas ao exterior. Essa recusa tem a ver com uma noção que permeava o Egito - não entendia-se o “outro” como um indivíduo tal qual os egípcios eram, por isso, enviar uma princesa ao exterior era rebaixá-la a um nível inferior, obrigando-a a se submeter a uma cultura estranha a ela. Por

⁶ Cartas EA2 e EA4.

consequência, receber uma princesa seria o oposto e a cultura exterior estaria se sujeitando aos padrões egípcios.

Por outro lado, Mitani não entendia esses casamentos de mesma forma. Quando se enviava uma princesa ao exterior, o rei mitânico passa a ser sogro do rei que a recebeu. Em um sistema de Casas isso significaria que ideologicamente ele seria o chefe-de-família da Casa que recebeu sua filha, sendo o sogro hierarquicamente acima de seu genro. Assim, Tushratta reafirma constantemente essa condição, usando os termos “sogro” e “genro” todas as cartas (exceto EA17, pois o casamento ainda não havia acontecido). Isso é visível, por exemplo, no trecho da carta EA21 citado anteriormente.

Para além da criação de laços familiares, a ideologia por trás dos casamentos diplomáticos entre Grande Reis possui uma influência psicológica relacionada a ideia de etnicidade. As diferenças de interpretação sobre os matrimônios desses povos permitem a hierarquização de caráter individual e psicológico sem que haja um desacordo entre esses reis (que se entendiam como superior ao outro). Tushratta usava-se de artifícios retóricos para se mostrar acima dos faraós, contudo, as diferenças culturais garantiam a um equilíbrio que os mantinha em um mesmo nível hierárquico. Enquanto houvesse esse contrabalanço, a economia e a aliança entre Mitani e Egito continuariam existindo em termos igualitários e amistosos.

Essas questões ideológicas, porém, não representam a única motivação de Tushratta para usar de artifícios persuasivos em suas correspondências enviadas ao Egito, caso fosse, não haveria uma diferença nas formas de investidas realizadas com Amenhotep III e Akhenaton. As cartas enviadas ao segundo são muito mais rígidas do que as do primeiro. Contudo, Akhenaton não pode ser considerado, necessariamente, menos eficaz nas táticas das relações diplomáticas. Nesse ponto, a História nos ajuda e entender a rispidez de Tushratta.

As cartas não comentam sobre guerras ou atritos internos acontecendo nas terras de Mitani, mas sabemos que Tushratta foi assassinado, provavelmente, por seu filho aliado a grupos hititas e assírios (FREU, 2003: 133-138). Diante de invasões iminentes e ameaças constantes, Tushratta precisava se manter fortificado e cercado de aliados quando os embates fossem necessários. Nesse sentido, convencer o rei egípcio de que Mitani era um bom aliado, garantiria apoio militar. Nos tempos de Akhenaton, a pressão hitita era maior do que durante o governo de Amenhotep III e este já estava em bons termos com Tushratta a mais tempo. Com a morte de Amenhotep III e a ascensão de

Akhenaton ao trono, as boas relações entre os reinos deveriam ser reestabelecidas rapidamente. Talvez por isso Tushratta tenha usado a retórica como argumento de persuasão de uma maneira mais acentuada, ainda que de uma forma sutil, por meio da criação de uma imagem de rigidez, inteligência e prosperidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A documentação de Amarna nos possibilita a reflexão sobre diversos aspectos da interação de diferentes povos da antiguidade próximo-oriental. Este estudo, ainda que brevemente, pode apontar alguns vieses a serem explorados, como costumes e regras do sistema, e as diferentes formas de relação, com reinos subordinados ou independentes. O foco no caráter retórico das cartas de Tushratta, possibilita pensarmos essas conexões de forma mais ideológica, entendendo as correspondências como aparatos de persuasão. As mensagens de Tushratta, à primeira vista, parecem diretas e claras, mas uma vez que procuramos as entrelinhas, entendemos um contexto mais amplo e encontramos estratégias de convencimento. Como apontado, Tushratta usa argumentos para se certificar-se que a aliança com o Egito seria mantida. Para isso, ele tenta se valorizar e mostrar a superioridade de seu reino, afim de convencer o faraó de que tal aliança era mais vantajosa para o Egito do que para o rei mitânio.

REFERÊNCIAS

- BRYCE, Trevor. **Letters of the Great Kings of the Ancient Near East**. The Royal Correspondence of the Late Bronze Age. Londres: Routledge, 2014.
- COHEN, Raymond & WESTBROOK, Raymond (org). **Amarna Diplomacy: the beginnings of international relations**. Baltimore, The John Hopkins University Press, 2000.
- DODSON, Aidan. **Amarna Sunrise**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2014.
- FREU, Jacques. **Histoire du Mitanni**. Paris: L'Harmattan, 2003.
- GESTOSO, Graciela. The Term "Love" in the Amarna Letters. *The Bulletin of Australian Centre for Egyptology*, v. 14, 2003, pp. 81 – 83.
- HORNUNG, E.; KRAUSS, R.; WARBURTON, D. (orgs.). **Ancient Egyptian chronology**. Leiden: Brill, 2006.
- MARTINO, Stefano de. A Tentative Chronology of the Kingdom of Mittani from its Rise to the Reign of Tušratta. In: HUNGER, H.; PRUZSINSKY, R. (eds). **Mesopotamian Dark Age Revisited**. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004, pp. 35-42
- PODANY, Amanda H. **Brotherhood of Kings**. How international relations shaped the Ancient Near East. Nova York: Oxford University Press, 2010.
- RAINEY, Anson F. **The el-Amarna Correspondence**. Leiden: Brill, 2 vol., 2015.
- RUS, Andrej. **Features of Gift Exchange in Market Economy**. (Tese de Doutorado). Univerza V Ljubljani: Fakulteta za Družbene Vede, 2010. Ljubljani, 2010.

SCOVILLE, P. Mitani: o reino perdido. *In*: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria. (Org.). **Vários Orientes**. União da Vitória: Edições Sobre Ontens/LAPHIS, 2017a, pp. 399-408.

SCOVILLE, P. **Queremos nos amar como irmãos: uma análise historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e Mitani entre c. 1390 – 1336 AEC**. (Dissertação de Mestrado). Curitiba: UFPR, 2017b. Disponível em: <https://goo.gl/kzNh36>. Acesso em 11/07/2018.

SPALINGER, Anthony J. **War in Ancient Egypt**. Oxford: Blackwell, 2005.